

GEOGRAFIA E MUDANÇA CULTURAL

ARMANDO CORREA DA SILVA

Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Segundo Jameson, com o pós-modernismo, inaugurou-se um período de "presente perpétuo". Isso contrapõe-se à idéia de uma realidade mutável, numa condição pós-moderna, que, como argumenta Harvey, confronta-se com o "eterno e imutável".

No entanto, essa condição, posta como o real, já possui uma história de 30 anos e encontra-se em declínio, mesmo nos Estados Unidos e França.

Estando as vanguardas no poder, que o conquistaram a partir da década de 60, qual o panorama que se descortina em direção ao futuro?

Em outras palavras, qual a situação da mudança cultural?

A Pós-Modernidade e a Pós-Vanguarda

Terá ainda a chamada terceira revolução industrial um espaço de desenvolvimento que não seja apenas o de descobertas derivadas do pós-guerra, que estão sendo apenas aperfeiçoadas?

Parece que estamos entrando, ainda na condição pós-moderna, numa situação de desdobramentos de invenções básicas já em grande parte aplicadas aos diversos domínios da ciência, da filosofia, das artes e da própria informática. Quero dizer que há uma diferença importante entre a descoberta do chip e o 95 de Bill Gates.

Se essa hipótese tem consistência, estamos entrando em outro momento do pós que denomino pós-vanguarda, ao qual corresponde um desenvolvimento estético que se pode denominar pós-vanguardismo.

A Revisão das Profecias

A "Era dos Extremos" não foi um modo de exorcizar o "mal de siècle"?

A espacialização das consciências provoca o medo porque não se sabe bem o que, na velocidade presente, representa.

O que vai acontecer até a passagem do ano 2.000?

Penso que nada muito diferente do que já está acontecendo, ou seja, talvez apenas mudanças de escala, não considerando as expectativas que serão delineadas em 1.999.

A Cultura do Nihilismo

A cultura do nihilismo tem forte apóio na falta de perspectivas definidas, porque a mudança cultural está tornando-se permanente e não há tempo e distanciamento para a reflexão acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas.

As razões da razão técnica ganharam uma dinâmica própria, acentuando a dessubstancialização do sujeito, um dos temas do pós-moderno.

A pós-vanguarda pode dar uma resposta a isso ou será apenas uma continuação da simulação?

MAIS UM SECULO?

Para o historicismo dos séculos XVIII e XIX as grandes narrativas continuarão a influir sobre as consciências, talvez em sentidos diversos da teleologia do século XX, mas redefinindo as utopias e os grandes relatos.

Muito do que a pós-modernidade está produzindo e continuará a produzir só se tornará cultura de massas, ou o que quer que seja, muito à frente, talvez nos próximos 25 anos, ou seja, será determinante para novas gerações.

O pós-vanguardismo aparece, então como um novo despertar das consciências e à definição de novas socialidades e individualidades?

A Alta Modernidade e os Intelectuais

A Alta Modernidade pode ser o prenúncio de uma nova realidade mundial, a partir do decifrar certos enigmas que se apresentam à mente agora.

Um deles é, a partir do momento que se vive, em processo contínuo de transformações, lidar com o fim das barreiras existentes entre a razão e a loucura, ou seja, o fim dos paradigmas tornou-se uma necessidade, não para encontrar outros, com o que se repete o impasse, mas para livrar a mente dos obstáculos sensíveis e racionais com que se defrontam as pessoas que já estão imersas no pós-modernismo, e agora no pós-vanguardismo.

Resistência ou novas Propostas?

A resistência é necessária para deter os impulsos impensados das sensações libertas de parâmetros, soltas na indeterminação do presente e, por isso, potencialmente desconstrutoras. Novas propostas são necessárias para atender, agora, não só a necessidades, mas também ao imaginário, quando este está conectado à memória, mesmo que apenas como história de vida ou biografia.

Mas, a desconstrução é preciso, para ultrapassar a inércia do estabelecido, que se opõe ao pensamento pós-crítico.

Sentido da Pós-Vanguarda

Assim, a pós-vanguarda põe-se como um momento de inflexão na condição pós-moderna, que denuncia a crise do pensamento crítico e que aponta para o limite do devir.

O ponto de partida pode ser: a solução não existe, ou seja, se existia no inconsciente e na mente vazia, agora, perde-se no vazio absoluto.

Mesmo porque, não estamos todos sendo pragmáticos?

Contemplando o passado e o futuro

Quando me reporto ao passado, vejo-me diante de muitos passados, fragmentados, desconexos, sombras não vividas de emoções retidas confusamente pela memória do lido e do experienciado.

Quando olho à frente só me orienta o calendário, esse paradigma criado para dominar o tempo e conformá-lo às exigências dos modos de produção, seguindo no princípio os ritmos da natureza e, mais tarde, ultrapassando-os.

O Presente das Duvidas e Incertezas

A crise atual tem muito a ver com um presente sem perfil definido porque desvinculado do passado e do futuro, numa seqüência inconseqüente em que a máquina exige das pessoas que se comportem de acordo com a sua lógica. Antes, isso não causava a anomia, a insegurança, a ansiedade, a

frustração, o desânimo; agora, não. Por que? Porque elas, as de tecnologia mais avançada só exigem das pessoas idéias. Ao contrário do que se pensava, o não-trabalho tornou-se um problema que produz o terror e o medo.

Um novo tipo de crise? A crise da crise?

O Si Solidário

O Eu está morto. O Ego não existe mais. Agora, somos referências. A auto-referencialidade, que é resultado de uma decisão, impede o isolamento. Mas, quem, em mim, toma a decisão? E preciso considerar a vida que existe em mim, mesmo se pudesse pensar em me matar. Não é fácil matar-se, como o fez o filósofo pós-moderno numa lucidez próxima da loucura: uma decisão humana. Sim, não foi um impulso natural. Foi um ato de consciência, lutando contra as forças que desejam a morte da consciência. O filósofo não entregou-se ao morrer (estava em estado terminal), ele cometeu um ato político. Sua morte foi um protesto.

A FESTA E A POLEMICA

Na festa o corpo é a presença mais importante. Ora, o corpo é tudo: ele ocupa o seu espaço e o dos outros, pois ele não termina, como já se disse, nos seus limites físicos. Mas, o corpo contém a sensibilidade que é transmissível no gesto, no sorriso, no olhar, no contato com outro corpo, momentos de emoção e razão solidários, mesmo que durando apenas um instante, que é a verdade do ser, que contém energia, quando liberta dos constrangimentos da cultura.

Os Encontros e os Desencontros

Os grupos de referência entendem o encontro e o desencontro como momentos num quadro de estabilidade em que os liames, sólidos ou frágeis, compõem um mosaico de emoções vividas e revividas que produzem e reproduzem a socialidade solidária. Assim, a presença é bem-vinda, a ausência é sentida. E que o cotidiano do fonocentrismo ultrapassa a mecânica do logocentrismo. Em outras palavras, há, no grupo, uma cultura comum dinâmica ou que se repete.

O Fim da Solidariedade?

A solidariedade não é um dado natural. A solidariedade pode manifestar-se como defesa de interesses comuns ou pode ser espontânea. A educação, o ensino e a aprendizagem podem criá-la ou não. Por isso, a individualidade solidária ou a socialidade solidária estão em permanente conflito contra o anti-humano. Estar possuído de justiça é condição do não conformismo. E é assim que se põe a coragem.

Os Grupos Efêmeros

Na condição pós-moderna os grupos mais consistentes são os grupos funcionais. É uma situação da sociedade contemporânea. Esses grupos podem ser duradouros, mas eles dependem das instituições e da natureza destas.

OS ESPAÇOS DO EU E DO OUTRO

Como a pós-vanguarda pode posicionar-se em relação às relações comunitárias e societárias?

O filósofo disse que o si é pouco mas pode ser um princípio de igualdade que não está desligado do lugar.

Ainda a Alteridade

Hoje as pessoas demonstram uma afetividade societária que não era muito comum anteriormente. No entanto, algo se passa que está continuamente quebrando a confiança e a credibilidade. Ora, isto é ruim. O que está acontecendo conosco?

O humor

Não me refiro ao bom humor ou ao mau humor mas, simplesmente ao humor como um estado de espírito em que encaramos a vida, os outros, as outras com serenidade.

EM DIREÇÃO A OUTRA LIBERDADE

Não se trata da paz dos cemitérios. Que os mortos não atormentem o cérebro dos vivos. A vida e a morte são, como a razão e a loucura, condições do existir.

Por que não ter o direito à tristeza e à alegria? Por que separá-las. Tudo se passa hoje como se devesse-mos sempre dizer sim ou não. A pós-vanguarda deve dar-se a si mesma o direito à neutralidade, mesmo em política, ainda que isto seja apenas uma conquista liberal.

Eu Quero

Há agora um medo do discenso, imposto pelo chamado politicamente correto. Não se pode ser firme sem ser chamado de autoritário. Não se pode ser tolerante e humilde sem ser chamado de fraco. De onde está vindo essa cultura da delação?

Eu Não Quero

Tambem deve-se ter o direito a dizer não. Nos dois casos, acima e aqui, trata-se de não confundir diferenças com desigualdades.

CONCLUSAO

A pós-modernidade está agora adentrando todos os aspectos da vida embora as pessoas se posicionem de modo diverso ante ela. E preciso lembrar que quando a modernidade surgiu lutou-se também contra ela. O novo encontra muitas vezes dificuldade para impor-se, principalmente diante do simulacro presente nos meios de informação e comunicação, incluindo aqui a própria fala.

"Tudo Termina Bem Quando Começa Bem"

A pós-vanguarda não pode ignorar o passado quando ele é uma lição para o presente, mesmo no caso do pensamento neo-conservador.

O título acima, pode ser entendido como um apelo ao romantismo. Se assim for, nada a opor.

O Mutável e o Imutável e Eterno

Se a modernidade é um projeto inacabado, se vivemos a alta modernidade, se estamos na condição pós-moderna, ou se está se iniciando alguma coisa nova não é o mais importante.

A dramaturgia do fim do século aponta em várias direções. Na sociedade de mercado as prateleiras estão cheias, ao alcance de quem a elas pode chegar e adquirir os bens e serviços que deseja ou que precisa.

O Fim é o Comêço

Se a pós-vanguarda é um projeto pouco claro, inclusive para mim é porque trata-se de algo que, como hipótese abre perspectivas de sair-se do imobilismo que agora caracteriza a condição pós-moderna, numa posição em que o avançar tem que levar em conta a própria inércia do debate em curso.

Pinheiros, 03 de julho de 1996